

UM ESTUDO SOBRE AS CINCO PELES DE HUNDERWASSER APLICADOS A E.E.F.M. TEODORICO TELES DE QUENTAL

José Helionio Soares Calou Filho

A prática docente tem sido um universo de descobertas e de adaptações do meu corpo nesta posição. Dentro deste processo pude experimentar técnicas pessoais que inicialmente pareciam um caminhar no escuro, mas foi neste caminhar cauteloso que descobri a melhor forma para o meu corpo agir até agora. Olhando para trás consigo identificar o que funcionou e a partir disso me desenvolver.

Além da prática docente, sou artista e sou pesquisador e, particularmente, não consigo abandonar a ideia de que ao entrar numa sala da escola sou apenas o professor de artes. Assim como na cena, eu construo um roteiro para seguir e este serve como um programa que seguimos, continuamente, de maneira fragmentada por um período de cinquenta minutos a cada semana.

Programas criam corpos – naqueles que os performam e naqueles que são afetados pela performance. Programas anunciam que “corpos” são sistemas relacionais abertos, altamente suscetíveis e cambiantes. A bio-política dos programas performativos visa gerar corpos que ultrapassam em muito os limites da pele do artista. Se o performer investiga a potência dramática do corpo é para disseminar reflexão e experimentação sobre a corporeidade do mundo, das relações, do pensamento. Refraseando: se o performer evidencia corpo é para tornar evidente o corpo-mundo. (FABIÃO,p.237)

Não consigo me imaginar mais esperto ou inteligente que os estudantes. Assim como Allan Kaprow (1927- 2006) penso que na ideia *participação* para realizar minhas aulas. Kaprow foi um artista norte americano que surge no contexto da *performance art* e é considerado pioneiro na criação e exploração do *happening*¹. O artista começa a se interessar pela ideia de um espectador

¹ Uma construção artística híbrida, comumente ligado a uma ideia de acontecimento mais livre e menos estruturado, mas que se estudado com mais atenção apresenta-se como uma atividade cuidadosamente preparada e roteirizada para serem realizadas pelo artista em colaboração com os participantes. Para um estudo mais aprofundado do termo indico a dissertação de mestrado “ALLAN KAPROW, PERFORMANCE E COLABORAÇÃO: ESTRATÉGIAS PARA ABRAÇAR A VIDA COMO POTÊNCIA CRIATIVA.”, de Thaise Luciane Nardim.

que se vê numa nova posição diante da obra; alguém que deixa de só observar, assistir e testemunhar e passa a compor junto. Os espectadores passam a ser participantes. Essa ideia de “arte participativa” propõe que obras (objetos) sugiram relações criativas e subjetivas que farão do espectador-participante uma espécie de co-autor das obras. No meu caso os estudantes-participantes são co-autores do nosso objeto aula.

Estou em uma etapa que me coloco “do outro lado” da sala onde acontece nossos encontros. Neste momento, eu sou professor, mas quando estou na universidade, eu sou o estudante.

Espinosa propõe que um corpo não é separável de suas relações com o mundo posto que é exatamente uma entidade relacional. O corpo espinosiano não está, e nunca estará, completamente formado, pois que é permanentemente informado pelo mundo, ou, parte de mundo que é. Inacabado, ou ainda, inacabável, provisório, parcial, participante – está, incessantemente, não apenas se transformando, mas sendo gerado. (FABIÃO, p238)

É peculiar quando me percebo nos estudantes que estão sempre buscando adiantar algum assunto – ou simplesmente se levantam para alongarem as pernas que estão minutos sem se movimentar embaixo da carteira – na troca de uma disciplina para outra. Aqueles segundos descontraídos onde se levantam para se deslocarem até o outro lado da sala antes do outro professor assumir o comando para dar continuidade a aula.

Dentro deste formato de ensino, existe um *entre* quase imperceptível no qual se desenvolvem diálogos fragmentados que geralmente são finalizados no horário de intervalo, momento de descontração mais prolongado que os deixam flexíveis para agirem com mais naturalidade.

Sinto a necessidade de quebrar o gelo com os que estão sentados de frente para a lousa, que esperam algo para copiar como trabalho, prova, diagramas ou resumos do assunto estabelecido para cada bimestre. A instituição é bem objetiva com suas regras. E se o professor estiver fazendo de um “jeito errado” para alguns da turma? Não escrevo isso para apontar maneiras certas de comportamento dentro da sala de aula, mas para fazer um apelo a sensibilidade nestes espaços preenchidos de prazos, testes e

dimensionamentos qualitativos do que seria um progresso. Estamos avançando? Passar de ano é um mérito ou um medo de ficar para trás como um derrotado?

Fazer questões como estas me faz chegar no lugar de que a escola é um espaço competitivo, onde colocam pessoas em formação contra a parede para que elas se sintam sem escolha para a servidão de um sistema que parece não ter brecha para vislumbrar um futuro que para muitos é apenas ficcional. Romper de uma hora para outra esta estrutura é utopia, mas como podemos nos reconhecer neste lugar?

Por outro lado, podemos construir ideologias que nasçam do exercício do respeitar as diferenças uns dos outros, que provavelmente nunca saberemos o que é estar na pele um do outro, mas que podemos experimentar ouvir o que o outro tem a dizer com suas marcas e experiência de vida. Talvez possamos dentro da estrutura quantitativa do sistema competitivo da instituição de ensino formal refletir as diversas identidades presentes.

[...] o que acontece hoje é uma totalidade midiática sustentada por um caráter profundamente alegórico e, a todo o momento, substituível. Não há por que supor que as totalidades sejam sempre homogêneas e se estamos perdendo identidade, isto tem mais a ver com as operações do capitalismo e seus modelos de consumo profundamente uniformizantes e com o processo de mercantilização das formas culturais. Nesse momento de fragmentação política, onde as questões mais abstratas de estado, modo de produção e justiça econômica mostraram-se por ora muito difíceis de solucionar, sempre podemos desviar nossa atenção para algo mais familiar e imediato, mais sensível e particular. Como por exemplo, o corpo, que assumiu no teatro pós-dramático e na mídia, de modo geral, o papel de protagonista, já que ele por si só representa o próprio espetáculo. (FERREIRA,p.6)

Friedrich Hundertwasser foi um artista e arquiteto austríaco que nasceu em Viena no ano de 1928 e desenvolveu o plano das **cinco peles** e suas obras são voltadas para as questões ambientais, expostas tanto em seus quadros quanto em conferências, maquetes e realizações na área da arquitetura. Na sua opinião, o ser humano possui cinco peles: a sua epiderme natural, o seu

vestuário, a sua casa, o meio social onde vive e, a última, a pele planetária ou crosta terrestre onde todos vivemos.

Depois de ter pintado a sua primeira espiral em 1953, no *atelier* do seu amigo René Brô, Hundertwasser sela a marca da sua visão do mundo, da sua relação com a realidade exterior. Essa relação opera-se por osmose, a partir de níveis de consciência sucessivos, e concêntricos em relação ao seu eu profundo. O símbolo pictórico ilustra a metáfora biológica. Para Hundertwasser, o homem tem três peles: a sua epiderme natural, o seu vestuário e a sua casa. Quando, em 1967 e 1968, o artista profere o seu “Discurso Nu” para proclamar o direito do homem à sua terceira pele (a livre intervenção sobre a casa), ele completa o ritual do ciclo inteiro da espiral. Ele reencontra a sua primeira pele, a da sua verdade original, a sua nudez de homem e de pintor, despindo-se da segunda pele (a sua roupa) para proclamar o seu direito a terceira pele (a sua casa). Mais tarde, após 1972, quando a grande viragem ideológica já tinha passado, a espiral das maiores preocupações de Hundertwasser vai desenvolver-se. A sua consciência de ser humano vai enriquecer-se com novas questões que vão despertar novas respostas e suscitar novos compromissos. Assim aparecerão as novas peles que virão juntar-se ao invólucro concêntrico das três primeiras. A quarta pele do homem é o meio social (da família e nação, passando pelas afinidades electivas da amizade). A quinta pele é a pele planetária ligada diretamente ao destino da biosfera, à qualidade do ar que se respira, e ao estado da crosta terrestre que nos protege e nos alimenta. (RESTANY,p.10)

Me aproprio das cinco peles para desenvolver um trabalho pedagógico com fotografias fazendo um recorte específico ao tecido da epiderme, do vestuário (farda) e da instituição enquanto identidade social para investigar pontes de acesso, neste caso, pensando as peles como acesso a possibilidades relacionais do corpo com o espaço.

Nos vestimos para estar em espaços sociais e, na escola, por exemplo, veste-se a farda. Vestir-se está relacionado a uma construção de identidade, pois é através da roupa que identificamos elementos da cultura que um sujeito é inserido, neste caso, a farda é passaporte para entrar no colégio. Logo a roupa é o acesso do corpo no espaço em que é inserido.

Então, refletindo nossas peles, sugeri realiza com os participantes um trabalho de fotografia. Pensando registrar um pequeno detalhe em nossos corpos, selecionando uma parte do corpo que o/a participante acredite ser importante: uma marca adquirida na vida que conte uma história ou uma parte do corpo que afirme sua identidade no mundo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala Preta**, v. 8, p. 235-246, 2008.

FERREIRA, VALMIR ALEIXO. COMPARANDO PÓS-MODERNO E PÓS-DRAMÁTICO: A MULTIPLICAÇÃO DO PREFIXO. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH• São Paulo**, 2011.

RESTANY, Pierre. Hundertwasser: o pintor-rei das cinco peles. **Alemanha: Taschen**, 1999.